

58 ANOS DA ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE CASTELO BRANCO

Os nossos alunos são os preferidos

As instituições de saúde portuguesas têm uma preferência pelos alunos formados pela Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias, em Castelo Branco. A garantia é do director da instituição, Carlos Maia, numa altura em que a escola celebra 58 anos de existência, sendo, por isso, a mais antiga das seis que integram o Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Em declarações ao Ensino Magazine, Carlos Maia refere ainda que prefere sacrificar cursos do que perder qualidade na formação, pelo que espera ver construídas e operacionais as novas instalações da ESALD, situadas no Campus da Talagueira, junto à Escola Superior de Tecnologia.

Como caracteriza o trabalho desenvolvido pela escola, numa altura em que acaba de assinalar 58 anos?

É nossa estratégia conciliar o desenvolvimento da Escola com a procura contínua da qualidade. E de acordo com os indicadores que temos, vindos dos vários sectores da sociedade, posso dizer que o trabalho desenvolvido pela ESALD tem sido bastante positivo, pelo que podemos concluir que a estratégia tem sido acertada. Só para dar conta de alguns desses indicadores, apesar das dificuldades que se começam a sentir também na área da saúde, a taxa de empregabilidade dos nossos diplomados ainda é bastante elevada e a opinião dos responsáveis das instituições de saúde empregadoras sobre os nossos diplomados continua a ser muito positiva. Assim se compreende que os nossos cursos tenham taxas de procura acima dos 1200 por cento, o que é verdadeiramente notável numa instituição do interior.

Como é que a escola procura manter ou melhorar os níveis de qualidade?

Nos últimos anos alguns trabalhos de investigação realizados por docentes têm sido premiados a nível internacional. Tem havido publicação de livros por parte de docentes, houve trabalhos realizados por alunos premiados em congressos nacionais, tem vindo a aumentar a participação dos alunos nos programas de mobilidade nacional e internacional. A interacção com a comunidade tem vindo a intensificar-se, e aqui é de realçar que para além das nossas iniciativas têm vindo a aumentar grandemente as solicitações que nos são feitas por diversas entidades. Os docentes também têm sido de uma dedicação extraordinária, porque a par de todas estas actividades, têm acumulado com os seus programas de mestrado e doutoramento, sem que tenham tido qualquer tipo de dispensa, o que tem constituído um esforço enorme.

Qual é a evolução em termos de oferta formativa?

No final do mês de Maio terminou um curso de pós-licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia, frequentado e terminado com



aproveitamento por 25 enfermeiros, dos quais 18 de instituições de saúde da nossa região. Está também a finalizar um curso de pós-graduação em Cuidados Paliativos, frequentado por diversos profissionais como enfermeiros, médicos, psicólogos, num total de 30 formandos. Sairão este ano 66 enfermeiros, 24 licenciados em fisioterapia e 20 licenciados em análises clínicas e de saúde pública, para além dos bacharéis que sairão também nestas duas áreas. Com toda a modéstia, penso que tem sido feito um trabalho notável em toda a sua extensão.

O professor referiu que preferia encerrar cursos a perder qualidade. Admite encerrar cursos?

O encerramento de cursos será sempre a última alternativa, mas pode acontecer por mais do que um motivo. O primeiro prende-se com a qualidade. Existem neste momento algumas ameaças, como por exemplo a falta de instalações dignas e a dificuldade em consolidar o corpo docente em algumas áreas. E nós preferimos não fazer do que fazer menos bem. Estamos a falar de formação de profissionais de saúde e aqui não há duas formas de fazer as coisas. O único caminho possível é o da exigência e do rigor. Outro dos motivos poderá ser a empregabilidade. Sempre defendi que a função da escola não acaba quando o aluno termina o seu curso. A Escola tem responsabilidades que vão para além da formação. Em termos genéricos, a forma que a escola tem de retribuir a sociedade pelo esforço que esta faz para lhe proporcionar condições de funcionamento e existência, é formar de acordo com as necessidades sociais. Portanto, na minha perspectiva, não faz qualquer sentido uma escola que ministra um ensino marcadamente profissionalizante, continuar a leccionar cursos que deixaram de ter relevância social e continuar a formar diplomados que o mercado de trabalho não consegue absorver.

De que forma pensa que deve ser estruturada a oferta formativa

para que não haja duplicação de cursos em zonas geograficamente próximas?

Quando em 2001 abrimos o curso de Análises Clínicas e de Saúde Pública e o curso de Fisioterapia, fizemo-lo depois de analisarmos vários factores, entre os quais a oferta formativa existente nessa área, em termos de escolas públicas. E o curso de Análises apenas era leccionado em Lisboa, Porto e Coimbra e o de Fisioterapia em Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal. Em 2004 o procedimento foi idêntico em relação à Cardiopneumologia e em relação à Radiologia. O de Cardiopneumologia só era leccionado em Lisboa, Porto e Coimbra e o de Radiologia em Lisboa, Porto e Coimbra, Aveiro e Faro. Houve a preocupação da nossa parte em oferecer formações que só existiam no litoral. Nem todas as instituições tiveram este tipo de preocupações e isso veio reflectir-se na qualidade e na empregabilidade. Portanto, o encerramento de cursos, apesar de ser a última alternativa, é uma questão que não deve ser colocada de lado.

Quando estarão concluídas as novas instalações da escola?

O prazo estabelecido para a construção do bloco pedagógico da saúde é de 16 meses. Vamos ver se termina dentro do previsto. Mas para além do bloco pedagógico da saúde, temos ainda o problema do bloco central por resolver e sem o qual o outro não pode funcionar.

No próximo ano lectivo, o Ministério apenas admite crescimento de vagas em Medicina e Enfermagem, na ordem dos 10 por cento. O professor admite que o número de vagas na Superior de Saúde pode crescer?

Apesar da medida anunciada me parecer ajustada, tendo em conta a realidade nacional, uma vez que existem necessidades elevadas de enfermeiros em Portugal, torna-se necessário garantir que existem todas as condições para que o aumento quantitativo de vagas não põe em causa a vertente qualitativa da formação, pelo que

é necessário analisar cada situação de forma isolada. Para além de serem analisadas as condições de cada uma das escolas, deve também garantir-se que as instituições de saúde têm não só capacidade de acolhimento mas também capacidade para proporcionar situações de aprendizagem aos alunos, uma vez que a formação em Enfermagem tem uma forte componente prática. No caso da ESALD dificilmente as vagas poderiam aumentar, precisamente pelo facto de ser cada vez mais difícil colocar os alunos em estágio, porque as instituições de saúde recebem alunos de várias outras escolas para além da nossa e estão neste momento no limite da sua capacidade.

Começam a surgir os primeiros sinais de falta de colocação para os formados em enfermagem. Como é que o professor encara este problema?

O que acontece no caso da enfermagem é que há uns anos atrás, um mês ou dois antes dos finalistas terminarem os seus cursos tinham várias ofertas de emprego, e isso agora não acontece. Mas não tenho conhecimento que existam diplomados em enfermagem por esta escola sem colocação. Estão todos a trabalhar. Dos que vão terminar este ano, grande parte também já tem colocação garantida, e os restantes aguardam respostas das instituições de saúde. Em relação a essa questão, estou tranquilo, porque a opinião das entidades empregadoras sobre os nossos diplomados é bastante positiva. Ainda no início deste mês, em reunião com responsáveis de uma instituição de saúde da região, me foram transmitidas referências bastante abonatórias em relação aos nossos alunos. Dias depois estiveram na Escola vários elementos de organizações com elevadas responsabilidades na área da saúde, nomeadamente a Ordem dos Enfermeiros e algumas estruturas sindicais e foi-nos transmitido que os alunos da ESALD continuam a ser preferidos pelas instituições de saúde. ■



FESTIVAL

Agrár em al

Vários ca-
to de Castelo
apresentação
cavaleiras ori-
Marinha (Cas-
na oitava ec-
Equestre da
Agrária de Ca-
se realizou no
semana de Ju-

É um even-
e que voltou a
nível muito
longo dos dois
se provas de s-
los e ensin-
além da apre-
lusitanos, em
presentados si-

Quem par-
feito, deixand-
"a promessa de
ximo ano",
Carlos Rebello
cente que supe-
nização dos alu-
Engenharia de
dalidades Eque-
Andrade desta
"o esforço rea-
nos na organiz-
festival, que ar-
marem a seu c-
ção do próximo
apoio dispensa
ção de Criador
Beira (ACCB).

A Comissão
apenas lament-
meira vez desd-
ra de Castelo B-
nha solidarizac-
realização". Na
lho feito fica "
to aos patrocín-
quais seria difí-
tival equestre, à
cola Agrária e
Instituto Politéc-

